

nheiros, dirigentes industriais, proprietários agrícolas, químicos, etc. Primorosamente impressas, oferecendo, do ponto de vista material, gráfico, o que podia haver de melhor, eram e são distribuídas gratuitamente a listas selecionadas de pessoas que jamais as solicitaram. Instalou-se no Brasil, assim, ao lado da grande imprensa mantida pelas agências estrangeiras de publicidade, uma outra imprensa, estrangeira mesmo — embora acatando, através de testas-de-ferro, o dispositivo da Constituição. Não havia como competir com tais publicações, tal a superioridade material com que se apresentaram e a gratuidade de sua distribuição. Era afrontosa, ousada e inédita operação de controle de opinião, que logo se ampliaria a editoras de livros, generosamente subsidiadas, de forma que as suas edições fossem colocadas no mercado a preços tão baixos que tornavam a concorrência impossível, — felizmente que só do ponto de vista material porque, quanto ao conteúdo, eram de franciscana indigência, quase sempre. Foi contra essa operação de domínio absoluto que se levantou a campanha do jornalista Genival Rabelo, de que surgiu a CPI requerida pelo deputado João Dória.

As CPI do IBAD e da imprensa estrangeira foram tragadas pelo golpe militar de abril de 1964, com a instalação da ditadura. Logo nos primeiros dias, começou a destruição de qualquer resistência na imprensa: *Última Hora* foi invadida e depredada; os jornais e revistas nacionalistas ou esquerdistas foram fechados; instaurou-se rigorosíssima censura no rádio e na televisão; numerosos jornalistas foram presos, torturados, exilados, e alguns tiveram seus direitos políticos cassados; os parlamentares que tiveram qualquer participação nas referidas CPI perderam os seus mandatos; os eleitos pelo IBAD ganharam o merecido destaque, tornaram-se os árbitros da situação, feitos ministros, porta-vozes da ditadura, líderes no congresso. Nessa emergência, o *Correio da Manhã* teve a sua fase gloriosa, tornando-se, em 1964 e 1965, o baluarte das liberdades individuais, no protesto e na denúncia das torturas, das arbitrariedades que passaram a constituir o quotidiano da vida brasileira. A represália não se fez esperar: as agências estrangeiras cortaram-lhe a publicidade; extraordinariamente prestigiado entre os leitores, com as suas edições esgotadas, começou a debilitar-se financeiramente; foi compelido a aceitar como interventor pessoa ligada àquelas agências e perante elas fiadora da progressiva mudança de posição do jornal, que poderia continuar a fazer oposição à ditadura, desde que não atacasse os interesses norte-americanos. A mudança começaria pela gradual dispensa de redatores e colaboradores que vinham fazendo qualquer espécie de reserva àqueles interesses, a começar pelo cronista Carlos Heitor Cony. A condenação a este cronista tornou-se